

Sobre

Regadio e desenvolvimento regional no Sudoeste peninsular: Extremadura e Alentejo, 1950-2020

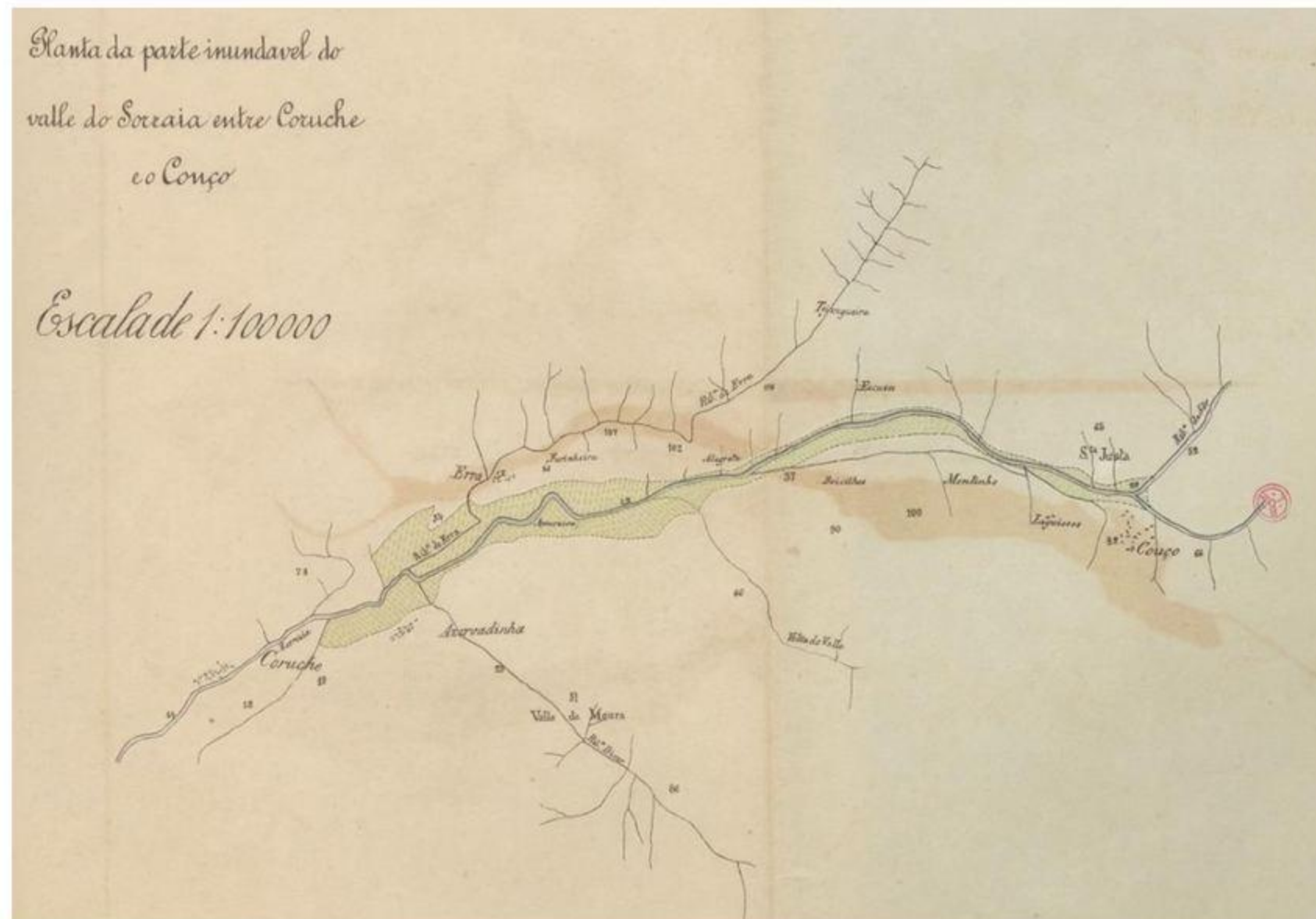


Imagem do domínio público, enviada pelo autor: Trata-se do primeiro plano de regadio do Vale do Sorraia, publicado na década de 1880, mas que só viria a tornar-se realidade no final da década de 1950

Tema:

Devido à influência do clima mediterrânico, nas regiões do sudoeste da Península Ibérica o estio prolonga-se por

vários meses e a escassa precipitação concentra-se num reduzido número de semanas ao longo do ano. Neste contexto, a escassez de água foi, durante séculos, considerada como um dos principais obstáculos ao desenvolvimento económico-social regional. Consequentemente, tanto na região portuguesa do Alentejo como na região espanhola da Extremadura, desde o século XVII que diferentes personalidades – ideólogos, políticos, economistas, agrónomos – identificaram o regadio como uma forma de desenvolver duas regiões historicamente despovoadas, pobres e marcadas por fortes desigualdades. Todavia, somente a partir de meados do século XX foi possível, técnica e financeiramente, construir grandes obras públicas de hidráulica agrícola. Estas deveriam transformar radicalmente os setores agrários e gerar rendimentos suficientes para dividir a propriedade e fixar populações. A energia hidroelétrica, entretanto acrescentada aos projetos iniciais das barragens, estimularia ainda o estabelecimento de setores

industriais sustentados a partir do aumento da produção agrícola.

Passadas sete décadas, o cenário é, no entanto, bastante diferente. Assim, no Alentejo, as regiões regadas apresentam, pelo menos por agora, pouca ou nenhuma diferença na retenção de população e nos principais indicadores de rendimento e de desigualdade em comparação com aquelas que permaneceram secas. Na Extremadura, pelo contrário, existem zonas que experimentaram um significativo crescimento populacional e económico, como é o caso de Vegas Altas-Don Benito. Nesta comunicação serão apresentados os resultados de um estudo comparativo do impacto da construção de grandes obras públicas de hidráulica agrícola entre o Alentejo e a Extremadura. Discutir-se-ão também as razões do aparente sucesso de Vegas Altas e o futuro desta linha de investigação numa altura em que está a ser construída mais uma barragem no Alentejo, num investimento estimado em 200 milhões

de euros, e debate-se a expansão do regadio para outras áreas da Extremadura.

Autor:

Carlos Manuel Faísca é Investigador Auxiliar no Centro de Estudos Interdisciplinares – CEIS20 – e Professor Auxiliar Convidado na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Licenciado em História (2007) e Doutorado em Economia (2019), tem publicado sobre problemáticas de História Económica, com especial incidência nos setores agrários e agroindustriais das regiões do Sul Ibérico. As suas investigações foram galardoadas com a 1.^a Menção Honrosa do Prémio *Jorge Gelman*, concedido pela *Sociedad de Estudios de Historia Agraria* (2020), com o *Premio Extraordinário* de Doutoramento da *Universidad de Extremadura* (2020), com o Prémio Joaquim Romero Magalhães

(2023), atribuído pelo Município de Loulé, e com o Prémio Santiago Zapata Blanco (2023), outorgado pela *Universitat de Girona*. Concretamente sobre o impacto económico-social do regadio, já publicou um artigo na Revista *Mundo Agrario*, um capítulo de livro, e o trabalho proposto encontra-se em avaliação numa revista de elevado fator de impacto. É também, desde 2023, Vogal da Coordenação do CEIS20 e Presidente da Associação Portuguesa de História Económica e Social.